



RESENHA

**POR UMA VISÃO NÃO DICOTOMIZANTE DAS RELAÇÕES  
ENTRE OS FATOS MOTORES E SIMBÓLICOS DA FALA**

*Lourenço Chacon\**

*O gesto e suas bordas:*

*esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro*

Eleonora Cavalcante Albano

Campinas/São Paulo, Mercado de Letras/

Associação de Leitura do Brasil – ABL/Fapesp, 2001

Um dos campos em que, com bastante facilidade, pode-se verificar o potencial de atuação e de pesquisa em fonoaudiologia é, sem dúvida alguma, aquele genericamente delimitado sob o rótulo de Distúrbios da Articulação. Como efeito, chama bastante a atenção dos profissionais que se dedicam a esse campo a elevada

---

\* Doutor em Lingüística – IEL/Unicamp; Departamento de Fonoaudiologia da FFC/Unesp.

e complexa incidência de problemas relacionados à movimentação dos articuladores com propósito simbólico – ou comunicativo, para fazer aqui uso de um termo mais corrente em fonoaudiologia.

De acordo com uma tradição que ainda se mostra forte na prática fonoaudiológica – em especial, fora dos mais importantes centros de pesquisa em fonoaudiologia do país –, as dificuldades que envolvem a articulação são fundamentalmente concebidas como resultantes de problemas de motricidade. Ecos dessa concepção na prática fonoaudiológica podem ser observados, por exemplo, no emprego de expressões como “instalar fonemas”.

Apesar de ainda dominante, essa tradição tem recebido questionamentos por parte de pesquisadores e terapeutas em fonoaudiologia que travam um diálogo teórico e metodológico mais direto com profissionais da área da lingüística. Especialmente pelo fato de que, nos últimos anos, inspirados em modelos lineares e não-lineares em fonologia, fonoaudiólogos e pesquisadores em fonoaudiologia vêm sistematicamente alertando para o caráter simbólico de muitas dessas dificuldades tradicionalmente vistas como derivadas exclusivamente de problemas de motricidade.

Desse modo, com base nos mais recentes resultados de pesquisas (nacionais e internacionais) feitas sobre uma esfera dos sons da fala, que, a partir de Trubetzkoy, passou a ser entendida como a dos fatos *fonológicos*, muitos dos então chamados distúrbios articulatorios têm sido vistos como problemas de organização fonológica, principalmente por envolverem uma ocorrência e/ou co-ocorrência problemática de traços distintivos. Sem dúvida alguma, trata-se de um ganho qualitativo ímpar para o campo da fonoaudiologia, na medida em que essas dificuldades passam agora a ser entendidas como problemas de *linguagem* e não meramente de motricidade, já que a distintividade e outros fatos relacionados ao aspecto simbólico do componente sonoro da linguagem passam a ser priorizados para efeito de avaliação e de terapia dessas dificuldades.

Outro ganho qualitativo a ser destacado com essa contribuição das teorias fonológicas é o de que, de modo mais – ou menos – direto, elas permitem questionamentos à patologização excessiva e muitas vezes apressada com que, com freqüência, ainda são vistas as dificuldades de aquisição e de produção dos sons da fala. Basta verificar que, com base nessa contribuição de teorias fonológicas,

cautelosamente vem se evitando, na teoria e na prática fonoaudiológica, o uso de expressões como “distúrbios articulatórios” ou mesmo “distúrbios fonológicos” para designar essas dificuldades.

Em síntese, no campo da atuação e da pesquisa sobre os chamados problemas de articulação, assiste-se no Brasil, no atual momento da fonoaudiologia, a uma mudança de atitude teórico-metodológica que, grosso modo, poderia ser interpretada como um deslocamento da ênfase no aspecto motor desses problemas para a ênfase em seu aspecto simbólico.

Especialmente bem-vindo nesse cenário é o ensaio *O gesto e suas bordas: esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro*, brilhantemente elaborado por Eleonora Cavalcante Albano, pesquisadora e docente do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Na medida em que se contrapõe ao “estéril reducionismo fiscalista” (p. 9) que, no passado, orientava as tentativas de explicação para os fatos da linguagem, trata-se de obra fundamental para aqueles pesquisadores em fonoaudiologia que se incomodam com esse tipo de reducionismo (ainda presente) em explicações para os chamados distúrbios da comunicação e, de modo exemplar, para os problemas de articulação.

Mas trata-se, igualmente, de obra fundamental para aqueles pesquisadores em fonoaudiologia que vêem com reservas a ênfase nesses problemas ser posta quase que exclusivamente em seus aspectos simbólicos (mais especificamente fonológicos) – sustentada numa distinção que, feita por Trubetzkoy, alimentada pelo estruturalismo e consagrada nos modelos lineares e não-lineares de inspiração chomskyana, é difundida como consensual, e de modo muitas vezes esquemático na fonoaudiologia, entre os campos delimitados como os da fonética e da fonologia.

Trata-se, por fim, de obra fundamental para aqueles profissionais que, ao se dedicarem aos problemas da articulação e desempenharem sua tarefa com a consciência de que a linguagem é um fenômeno por excelência complexo, não têm dúvidas de que lidam com dificuldades nas quais os vínculos entre questões motoras e simbólicas da linguagem se evidenciam com maior clareza.

Desse modo, o fonoaudiólogo que vê com reservas avaliações e propostas terapêuticas baseadas numa delimitação que, mesmo para muitos lingüistas, ainda

está bastante longe de ser considerada como sem problemas (aquela entre a fonética e a fonologia), certamente encontrará no ensaio da professora Eleonora importantes fontes de reflexão e de argumentação para suas inquietações.

Com efeito, em sua primorosa revisão de literatura, a autora problematiza com vigor os limites construídos como consensuais entre esses campos, sobretudo ao questionar o estatuto da unidade por meio da qual tradicionalmente se postula a comensurabilidade entre eles: o traço distintivo. Em seu questionamento, a autora defende, no entanto, a tese da comensurabilidade (mas não aquela que se tem acreditado possível por meio do traço distintivo), filiando-se, assim, ao pensamento de estudiosos que poderiam ser enquadrados no campo conhecido como fonologia articulatória, tais como Lindblom, Browman e Goldstein, dentre outros. De acordo com essa afiliação, assume como unidade da comensurabilidade o gesto articulatório (“como unidade fônica alternativa ao segmento e ao traço” – p. 36) e não o traço distintivo, “porque a alternativa de dar ao traço o papel de mediar a passagem do simbólico ao físico (...) é muito problemática” (p. 34), dado o estatuto já simbólico do traço e “a implausibilidade de um mapeamento direto do traço em eventos acústicos ou articulatórios” (p. 45).

Desse modo, a autora abre as portas para a compreensão de muitos problemas verificados na esfera sonora da linguagem ainda não satisfatória e convincentemente aclarados, já que enfocados segundo um raciocínio dicotômico em que “fonético está para gradiente ou contínuo ou instável assim como fonológico está para categórico ou discreto ou estável” (p. 27). Embora a professora Eleonora faça tais considerações a respeito de fatos observados em usos muitas vezes concorrentes (e co-ocorrentes) da língua portuguesa falada (e lexicalizada, ou ainda não) no Brasil, o fonoaudiólogo atento e sensível aos argumentos da autora certamente não deixará de ver neles uma fonte inestimável de contribuição para a identificação e para a explicação de muitos problemas de linguagem com os quais se defronta em sua prática clínica ou de pesquisa – como, por exemplo, as produções muitas vezes superficialmente vistas como assistemáticas ou, ainda, as chamadas distorções articulatórias que se verificam durante o processo de aquisição de novos sons pela criança. Isso porque, assim como ocorre nos estudos sobre a língua portuguesa, também na prática fonoaudiológica, “processos aprendidos como categóricos são na verdade gradientes” (p. 22). Vale, pois, a pena

buscar compreender, com base nos subsídios teórico-metodológicos fornecidos pela autora, de que modo a língua “põe as potencialidades articulatórias humanas a serviço de um léxico e de uma gramática” (p. 10), mesmo (ou principalmente) quando se trata de contextos considerados patológicos.

Compreender esse fato no contexto de reflexão da autora significa compreender, conforme já antecipado, de que modo o gesto, como unidade de caráter fonético-fonológico, funciona como “unidade mediadora entre os aspectos físicos e mentais da fala” (p. 45). Um importante fato a ser destacado a esse respeito é o de que a autora, embora claramente marcando sua filiação aos estudos conhecidos como fonologia articulatória, não circunscreve sua reflexão à esfera do que já se tem como consagrado nesses estudos. Assim, ao mesmo tempo que destaca fatos como a natureza funcional do articulador, que possibilita a eliminação de “qualquer temporizador extrínseco tal como o segmento dos modelos lineares ou as casas (...) da camada (...) temporal dos modelos não-lineares” (p. 97), a professora Eleonora faz uma leitura problematizadora e inovadora das conquistas teórico-metodológicas desse campo, lançando nova luz a essas conquistas na medida em que destaca o “papel dos fatores acústicos na constituição do gesto articulatório” (p. 103).

Assim, embasada em cuidadosas análises acústicas, a autora assume que:

(...) um certo deslizamento dos componentes gestuais é esperado se a definição do gesto se refere a regiões acústico-articulatórias discretas, capazes de garantir efeitos acústicos estáveis e, ao mesmo tempo, acomodar variações estilísticas, muitas delas desencadeadas por fatores prosódicos que antecipam ou adiam as manobras articulatórias que causam tais efeitos. (p. 101)

Fato facilmente verificado no “aprender fazendo”, característico das crianças que, em terapia fonoaudiológica, vão descobrindo os vínculos entre o movimento dos articuladores, a impressão auditiva desse movimento e o caráter simbólico da linguagem ao construírem para si mesmas, por exemplo, diferenças semânticas (e cognitivas) entre “caça” e “caixa”, que vão se sistematizando à medida que as crianças percebem com mais nitidez que as diferenças acústicas produzidas por um movimento de ponta ou de dorso da língua estão estreitamente ligadas, na língua portuguesa, a diferenças conceituais.

Cautelosa e, ao mesmo tempo, inovadora é, pois, a postura da professora Eleonora ao acrescentar a palavra “acústico” à expressão já corrente, fonologia articulatória:

Parece prudente, portanto, apenas acrescentar ao nome já consagrado uma menção à Acústica: Fonologia Acústico-Articulatória (...). Tem-se, assim, uma denominação que, sem deixar de marcar a filiação à [Fonologia Articulatória], sublinha a importância das relações acústico-articulatórias para a questão da comensurabilidade, tema central ao debate assumido neste ensaio. (pp. 103-104)

Coerente com essa postura, ao se opor à visão de que sistemas físicos e cognitivos dos fenômenos fônicos da linguagem são distintos e incomensuráveis, a autora o faz não apenas com base em consistente argumentação sobre a eficácia do gesto como unidade de comensurabilidade entre a fonética e a fonologia, mas também com o apoio incondicional do instrumental acústico da fala. Os resultados a que chega a autora transformam-se, pois, em subsídios indispensáveis para aqueles que atuam e desenvolvem pesquisas em campos da fonoaudiologia, como o genericamente recoberto pela expressão distúrbios da articulação, dentre outros. Problemas de fala interpretados, exclusivamente ou preferencialmente, sob a ótica simbólica, como problemas que envolvem entidades discretas da língua (com base em subsídios fornecidos pelos modelos lineares e não-lineares em fonologia), embora com inegáveis ganhos teórico-metodológicos e de eficácia terapêutica em relação à sua redução a dificuldades de motricidade, podem, na perspectiva da fonologia acústico-articulatória, tal como proposta pela professora Eleonora, ser melhor explicados em sua dinâmica como defasagens entre eventos – possibilidade explicativa, sem dúvida alguma, mais satisfatória, na medida em que, além de seu vínculo com fatos mais diretamente observáveis na dinâmica da fala, podem ser facilmente visualizados com o apoio do instrumental acústico da fala.